

Padre Cícero e o Flagelo da Seca

Father Cícero and the Scourge of Drought

Károly Koller

Resumo

A pessoa do Padre Cícero Romão Batista vem sendo abordada na literatura, muitas vezes, a partir apenas do milagre eucarístico de 1889, como se os *factos de Juazeiro* fossem o centro em torno do qual girasse toda a sua vida, do qual emanasse toda a sua relevância histórica e sua possível santidade. Sem contestar a importância desse episódio, o presente artigo oferece uma visão alternativa: o maior desafio pastoral na vida de Padre Cícero foram as grandes secas que flagelaram a população do Ceará periodicamente. Essas experiências formaram um fio condutor na vida do Padre Cícero e influenciaram profundamente seus conceitos espirituais e políticos. Elas contribuíram, sobretudo, para que ele desenvolvesse no seu pensamento uma consciência nordestina e para que ele fosse, na percepção do povo, um santo nordestino. O milagre de 89 confirmou, mas não fundou essa *santidade*. Sobretudo, as secas têm papel fundamental na evolução de Juazeiro tanto como lugar sagrado quanto como cidade material.

Palavras-chaves: Padre Cícero. Seca. Fome. Semiárido.

Abstract

The person of Father Cícero Romão Batista is often approached in the literature focusing on the Eucharistic miracle of 1889, as if this event were the center of his life, as if all his historical relevance and possible sanctity emanated of it. Without disputing the importance of this episode, the article below offers an alternative view: The greatest pastoral challenge in Father Cícero's life were the great droughts that periodically plagued the population of Ceará. These experiences formed a guiding thread in Father Cícero's life and profoundly influenced his spiritual and political concepts. Above all, they contributed essentially to his developing a Northeastern consciousness in his thinking and to his becoming, in the people's perception, a Northeastern saint. The miracle of '89 confirmed, but did not establish, this *sainthood*. Above all, the droughts played a fundamental role in the evolution of Juazeiro, both as a sacred place and as a material city.

Keywords: Father Cícero. Drought. Famine. Semiarid.

Introdução

Padre Cícero nasceu em 1844, no mesmo ano em que começa um dos períodos de seca intensa no Ceará. Quando criança, o jovem Cícero ouvia conversas sobre a seca de 44. Essas narrativas faziam parte da sua formação como pessoa, tal como qualquer outro habitante do Ceará da época. A primeira confrontação direta com o assunto foi em 1877, aos 33 anos, já como padre.

Cerca de dez em dez anos essa experiência se repetiu ao longo da sua vida e formou um fio condutor na sua biografia. Nesta perspectiva, esse artigo também estrutura sua abordagem apoiada nesses acontecimentos:

1877 – 1879,
1888 – 1889,
1898 – 1900,
1915 – 1918,
1832 – 1834.

A seca mais traumática e que mais marcou Padre Cícero foi a de 77 a 79. Por isso será abordada aqui mais detalhadamente.

1. A seca de 1877 – 1879

Para entendermos melhor o impacto que as secas significaram na vida da população no interior do Ceará é importante ressaltar sua dependência direta da produção local de alimentos. É uma situação muito diferente de hoje no mundo globalizado. Em “Juazeiro do Padre Cícero: Terra da Mãe de Deus”, a autora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros descreve, minuciosamente, o ritmo da produção dos agricultores, que era (e é até hoje) sutilmente sintonizado com o ciclo das chuvas. Em anos normais esse sistema forneceu alimento abundante para toda a população.

[...] pela força da tradição, [o pequeno agricultor] assim organizava a vida produtiva: outubro – broca dos roçados (quase sempre em mutirão); fins de dezembro – queima; princípio de janeiro – o roçado está cercado e pronto para o plantio; início do inverno – plantio das sementes (tarefa executada por toda a família, incluindo mulher e filhos). Esse plantio era feito em duas etapas: na primeira se plantava o feijão ligeiro, melancia, milho de sete semanas e jerimum. Só depois de garantida a comida para o mês seguinte vinha o plantio de mandioca, milho, feijão e algodão.¹

A urgência de plantar primeiro os legumes ligeiros, antes de começar com a produção dos outros frutos, mostra como esse sistema de plantio era ameaçado pela estiagem e dependia da chegada das chuvas no momento certo. Ele exigia do agricultor a sabedoria de prever a chegada das chuvas. Quem se precipitava corria o risco de perder as

¹ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 152-153.

sementes, quem esperava de mais, arriscava a safra. Por isso, existem muitas regras tradicionais, muitas vezes ligadas aos dias de santos, para prever a chegada das chuvas. Por exemplo: se no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, chovia, era sinal de um inverno bom. Sol significava estiagem. Assim também 14 de fevereiro e 15 de março.²

O ano de 1877 já entrou com sinais sinistros, e realmente janeiro e fevereiro passaram sem as chuvas esperadas. “Em cada fazenda morriam diariamente 30 a 40 reses, [...] O povo miúdo já corria a caatinga buscando alimentos nas raízes silvestres. Estava totalmente desfeito o equilíbrio do pequeno agricultor.”³

A solução imediata do povo mais pobre era buscar alimento silvestre. Mas, na medida em que a seca se prolongava, a caça e os raízes acabaram. A população faminta então se via forçada a consumir plantas perigosas como a mucunã, “que, pelo dito popular, 'quando suja mata e lavada aleja’”⁴. Muita gente morria envenenada. Tentativas de saquear as fazendas terminaram em chacinas. Quem pôde fugiu para as cidades. Outros se socorreram em Juazeiro: “levados pela fama de bondade do Padre Cícero que procuraria por todos os meios salvá-los da morte.”⁵

2. Padre Cícero na Seca de 77

Pe. Cícero era um padre novo, com apenas seis anos de experiência sacerdotal quando foi confrontado com a pior seca do século. Nas cartas desse período percebe-se como foi traumática essa experiência. No dia 20 de fevereiro de 1878 ele escreve para Dom Luís: “Eu nunca pensei ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciam-se de carne humana, nos caminhos, no campo.”⁶

Em outras cartas de décadas posteriores ele volta a se referir a essa seca de 77-79, sendo a de maior impacto. Ela se torna para ele a medida para as outras secas, como confirma também Barros: “Esse espectro de terror nunca mais sairia da lembrança do Padre Cícero.”⁷

Ainda que traumática fosse a situação, Padre Cícero logo envolveu-se na causa e direcionou-se ao órgão responsável por essa questão, ao Estado, a quem cabia a obrigação de acudir a população em catástrofes humanitárias. Na carta a Dom Luís, já mencionada, ele se queixa que tinha solicitado ajuda três vezes e nem resposta tinha recebido dos políticos responsáveis pela região. Por isso, ele pediu a intervenção do bispo.

Na mesma carta ele escreve: “Deus enchendo a medida, abandonou o Cariri.”⁸ Nessa frase, o padre jovem afirma um conceito antigo sobre a seca no sentido de um *flagelo*, ou uma punição de Deus. É um conceito ainda onipresente para a época. Dom Luís segue a mesma lógica, quando consagra a diocese ao Coração de Jesus para assim

² BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 152.

³ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 152.

⁴ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 154.

⁵ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 154.

⁶ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 174.

⁷ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 154.

⁸ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 174.

superar a seca.

Na carta seguinte, em novembro do mesmo ano, Padre Cícero agradece essa medida. Se a seca fosse mesmo castigo de Deus, realmente “o único remédio que nos pode salvar”⁹ seria isso. Seguindo essa lógica Padre Cícero atribui a *culpa* pela seca aos pecados do povo:

nem se pode duvidar, que tanta avareza, tanta impudícia, tanto assassinato, tanto crime em uma escala nunca vista, faça continuar o castigo ou aparecer outros maiores que Nosso Senhor nos livrando, é uma grande misericórdia.¹⁰

Essa forma de argumentação reverte a causa: Os crimes não são consequência da miséria, mas a causa da miséria. Padre Cícero não se limitava a essa visão, ele buscou soluções concretas para salvar o povo. Mesmo assim, ele ainda afirmava esse conceito antigo ou, pelo menos, usou como argumento diante o bispo.

Uma carta de Padre Alexandrino a Dom Joaquim, de 24 de novembro de 1896 (mais que uma década depois), mostra que na época essa ideia de castigo de Deus ainda vigorava na cabeça de muitos sacerdotes como pano de fundo: em vez de o Padre Alexandrino socorrer às vítimas da seca, a sua preocupação era manter os miseráveis (os pecadores) fora da cidade do Crato. Por isso ele escreve para seu bispo:

No Juazeiro está havendo muita fome: e se houver algum refringente de seca – o saque n'esta cidade e a casa dos capitalistas será inevitável. O povo de Crato vive aterrado considerando n'isto e espera dos poderes públicos uma providência qualquer que dê como resultado a internação de tanta gente pelos centros dos estados vizinhos.¹¹

3. A seca de 1888 – 1889

Nove anos depois a seca volta para o Cariri e, em 4 de junho de 1889, Padre Cícero volta a escrever ao seu bispo, que nesta época era Dom Joaquim: “Temos pedido muito a Nosso Senhor, e os meus pecados impedem que ele ouça!”¹² Que mudança de conceito: A culpa pela seca não é mais do povo e os seus pecados. Padre Cícero prefere ele mesmo assumir a culpa antes de atribuir ao povo. O que prevalece é o amor: “e como posso ver este pobre povinho que amo tanto como uma parte de minha alma desaparecer,” escreve ele em seguida.

Em 1889 não só o Padre Cícero mudou. O Brasil se tornou uma república recém-nascida. E nela reina o espírito do positivismo que até hoje consta no lema “Ordem e Progresso” na bandeira nacional. É um conceito materialista, uma ideologia que vê nas ciências exatas e em tecnologias novas a salvação do mundo. Também os *factos de Juazeiro* acabaram de acontecer três meses antes desta carta. Porém, a relação entre o bispo e seu padre ainda não está envenenada.

⁹ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 175.

¹⁰ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 175

¹¹ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 181.

¹² GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 176.

Nessa carta Padre Cícero está analisando as causas que levam às consequências desastrosas da seca. Isso também demonstra a mudança no pensamento do padre: Se a seca não é castigo de Deus, então a causa do mal é terrestre e a solução deve ser buscado também nesse mundo. O Padre percebe, que a monocultura de arroz não é apropriada para o clima da região, mas ainda não tira as conclusões:

Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri, planta quase exclusivamente só arroz, as chuvas não foram suficientes para esta plantação que exige mais do que as outras.¹³

O governo nem identificou a monocultura como o problema e busca soluções para a falta da água. Ou ainda pior, aproveita-se da tragédia da população, para recrutar mão de obra barata para os barões da borracha no norte do país. Assim escreve Barros: “Para tanta desgraça, a solução apontada pelo governo central foi a emigração para Amazonas e Pará. Milhares de nordestinos foram carregados para regiões insalubres onde também morreram aos milhares.”¹⁴

Padre Cícero ainda não tirou as conclusões que no final do século XX se chama *convivência com o semiárido*. Ele também propõe frentes de serviços, açudes e pensa em poços artesanais. Com isso, ele entra no jogo do positivismo e busca soluções compatíveis com o sistema político que seguem o conceito regente da época do *combate à seca*.

Um detalhe chama atenção nessa carta. O Padre Cícero cita um projeto de poço artesiano da Argélia, de um país norte-africano. Por que ele busca um exemplo de tão longe, se essa tecnologia já foi discutida desde 1860 no Brasil?¹⁵ É porque os especialistas brasileiros da época chegaram à conclusão, que as águas de poços profundos eram insalubres: “Quanto às fontes artesanais ... na época já havia a desconfiança, sobre a qualidade das águas”, escreve José Nilson B. Campos.¹⁶ É por isso que Padre Cícero busca um exemplo da Argélia, como contraprova, que sim, poços profundos podem dar água potável e ser uma solução.

Padre Cícero faz várias propostas bem concretas para o Estado, mencionadas nesta carta de 4 de junho de 1889, e pede a intervenção de Dom Joaquim, para articulá-las com sua autoridade como bispo, nenhuma dessas propostas se realiza durante a vida de Padre Cícero. Não foi culpa das propostas, pois mais tarde, no século XX, muitas delas foram implementadas: Juazeiro hoje é abastecida por poços artesanais e o açude Carás, que Padre Cícero propôs, hoje tem o nome Açude Manuel Balbino e foi concluído no ano 1985.

Infelizmente Padre Cícero não viu realizada nenhuma dessas obras. Por isso, ele escreve resignado ainda na mesma carta: “são políticos, só com políticos se entendem”¹⁷ Talvez seja por isso, que alguns anos depois Padre Cícero decide entrar na política: para

¹³ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 176.

¹⁴ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 156.

¹⁵ José Nilson B. Campos, UFC, dá um resumo detalhado dessa discussão no seu artigo: Secas e políticas públicas no semiárido: ideais, pensadores e períodos, em: Estudos Avançados 82, Sociedade e Ambiente, ciências, valores e alternativas I, USP, 2014, 65-88.

¹⁶ CAMPOS, J. N. B., Secas e políticas públicas no semiárido, p. 74.

¹⁷ GUIMARÃES T. S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 177.

que os políticos ouçam as suas propostas.

4. A Seca de 1898 – 1900

Quando, nove anos depois, a próxima seca está começando, Padre Cícero está voltando de Roma e vem com uma visão nova. Olhando de mais longe, a perspectiva se abre: Padre Cícero não fala mais só de Juazeiro, não só do Cariri, ele fala a partir de agora do Nordeste. Numa carta a Dr. João Carlos de Azevedo ele escreve: “Mas o Ceará e os Estados vizinhos estão passando pelos horrores do flagelo da fome”.¹⁸

Padre Cícero muda também de estratégia. Ele não se limita mais a escrever cartas para o governador, que é a forma adequada na época imperial. Entrando na lógica do sistema democrático, procura mobilizar a imprensa. Em 1900 escreve para José Marrocos:

Meu amigo, se você tem tempo, escreva com urgência um artigo para os jornais despertando e concitando o Governo do Estado e o pessoal para conjurar o medonho flagelo que certamente risca do mapa do Brasil este infeliz Ceará [...] Pode ser que a Providência se sirva de você para despertar esta incúria criminosa dos que nos governam.¹⁹

A postura de pedinte humilde muda para a profética. O Padre denuncia a irresponsabilidade do governo – profecia, que se faz necessário até hoje.

Numa carta ao Padre Climério de 4 de dezembro de 1900, Padre Cícero dá mais um passo para frente e aposta na mobilização do povo:

Meu amigo, cada cearense deve ser uma trombeta na Imprensa e em toda parte gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos, que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem.²⁰

Isso já é uma estratégia contemporânea dos movimentos sociais. Também muda o vocabulário: Em vez de falar de *flagelo* ele fala de *crise*, em vez de falar de *pecado* e *culpa* ele fala de *obrigação* e *dever do Estado*.

5. A Seca de 1915 – 1918

Como mostra uma carta do dia 16 de julho de 1915²¹, Padre Cícero continua nesse novo período de seca reivindicando a realização do açude Carás e, desta vez, até oferece suas próprias terras para a construção. Porém, ele não faz isso mais como padre, e sim como prefeito de Juazeiro.

¹⁸ GUIMARÃES T.S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 178.

¹⁹ GUIMARÃES T.S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 180. Na segunda edição há um erro de impressão: A carta foi escrita no ano 1900 e não 1989, como Irmã Anne Dumoulin confirmou.

²⁰ GUIMARÃES T.S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 184.

²¹ GUIMARÃES T.S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, 179.

No mesmo ano ele pede ao prefeito do Crato uma licença para plantar em 20 tarefas de terra na chapada do Araripe culturas alternativas para ensinar a população a diversificar as suas plantações: “demonstrar e ensinar aos outros rendeiros do Estado que a Chapada Araripense pode produzir outras plantas úteis que as rotineiras mandiocas e maniçobas”²²

Enquanto na seca de 1888 – 1889 ele ainda tentou salvar a monocultura do arroz, agora ele busca culturas diversas e mais apropriadas para o clima. Com isso, ele ultrapassa o conceito do *combate da seca*. Ele tenta adaptar a produção agrícola ao clima, que se chama hoje *convivência com o semiárido*.

6. A Seca de 1932 – 1934

Nos últimos dois anos da sua vida, Padre Cícero, mais uma vez, teve que enfrentar a seca. Padre Cícero nesse tempo encontrava-se muito doente e quase cego. Por tanto, as fontes da sua autoria são escassas. Só foi possível encontrar um único documento desse período tratando o assunto. É um telegrama ao presidente Vargas pedindo obras.

Tomo liberdade insistir, perante V. Exa., serem atacados trabalhos ramal ferroviário Juazeiro-Barbalha, açude Carás, já estudado, bem como prolongamentos R.V.C. partindo Missão Velha. Estes serviços amparariam populações famintas.²³

O ardor no tom do telegrama comprova, que mesmo no final da sua vida, Padre Cícero continua com toda força defendendo o povo perante a seca. Mas, por falta de documentos desta fase da sua vida sobram muitas perguntas: Como Padre Cícero pensou no final da sua vida sobre o assunto? Quais foram as conclusões que ele chegou?

Uma outra pergunta é como ele se posicionou diante os campos de concentração, que foram estabelecidos no Ceará.²⁴ Pelo menos o campo de concentração Buriti no território do Crato, onde foram internados 70.000²⁵ flagelados deve ter inquietado o Padre Cícero. Sobre os campos de concentração do ano 1915 também não temos posicionamento do Padre. Mas, esses campos estavam longe de Juazeiro. Buriti, porém, estava na vizinhança.

7. A postura pessoal de Padre Cícero diante o sofrimento do seu povo

A análise das cartas do Padre Cícero, dos períodos de seca, revela uma pessoa que

²² Carta do dia 14 de outubro de 1918, P Padre, 180.

²³ GUIMARÃES T.S.; DUMOULIN A., O Padre Cícero por ele mesmo, p. 178.

²⁴ Uma introdução no assunto oferece o artigo da Mestre em Ciências Sociais Leda Agnes Simões de MELO, O Controle do Espaço do Sertão: Os Campos de Concentração na Seca de 1932, Revista História e Cultura, Vol. 9, Nº 1, 2020, 138-167.

²⁵ Esse número foi registrado por Dr. Bonifácio Paranhos da Costa, um médico que visitou os campos de concentração do Ceará. Em 1933 ele publicou o “Relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste”. Aqui foi citado através do artigo de James Brito BEZERRA LOBO, Campo de Concentração de Buriti, p. 87.

defende com muito amor seu *povinho* e usa todo seu intelecto, conhecimento, toda sua influência na Igreja e na sociedade para buscar soluções bem práticas e concretas que podem aliviar o sofrimento das vítimas da seca.

As cartas mostraram uma pessoa pragmática com pensamento objetivo, racional, com amplos conhecimentos sobre tecnologias novas e com ideias bastante avançadas para seu tempo, como a busca de cultivos mais resistentes ao clima da região. Ele faz isso na sua função como padre ou como prefeito.

Barros chama atenção que Padre Cícero não só apoia os necessitados no contexto do seu papel social, mas também como pessoa particular. Ele usa seus próprios bens até ao ponto de se endividar, como mostra uma carta a um padre escrito em 1918:

Como já lhe disse, os horrores da seca me obrigam, para não deixar morrer de pura fome uma população inteira de necessitados, me abismaram em uma dívida tão grande que tudo quanto alcanço é para pagar aos que me confiaram.²⁶

Barros vê justamente nesta postura o ato mais revolucionário na vida do Padre Cícero: “Duma tragédia em que homens chegaram a ponto de devorarem seus próprios filhos, os sertanejos guardaram e espalharam a história de um padre que sofreu com eles o paroxismo de todas as misérias”.²⁷

Como era revolucionário essa postura se revela na comparação com as preocupações dos outros sacerdotes durante a seca: Já foi mencionado o exemplo de Padre Alexandrino: Em vez de acudir os famintos durante a seca de 77, ele pede ajuda do bispo para garantir a segurança dos abastados. Mas o próprio bispo se preocupa mais com o Seminário do Crato do que com o seu rebanho que está morrendo de fome. Ele escreve para Padre Cícero no dia 4 de fevereiro 1877:

Muito Rdo. Padre Cícero. Não sei a razão de V. R. não me escrever. Teria lhe chegado as mãos à obra em português de Guillois que pelo Simeão lhe mandei? O nosso Seminário do Crato esteve em crise e em estado desanimador, porque nem todos servem para tudo. Ali vai novo superior inteiramente concorde comigo em reabrir o Seminário p. q. o ter-se fechado foi a medida a mais ... que se tomou desde q. existe o Cariry.²⁸

Um detalhe significativo da carta é que o bispo, aparentemente, nem pode imaginar, porque o Padre Cícero esqueceu da sua obrigação de escrever para ele. O bispo estava tão fora da realidade da sua diocese, que acha mais importante perguntar por um livro²⁹ que

²⁶ GUIMARÃES, T. S.; DUMOULIN, A., O Padre Cícero por ele mesmo, p. 178.

²⁷ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 155.

²⁸ Carta do Arquivo do Padre Cícero. Colégio Salesiano, Juazeiro. Citado do livro "Terra da Mãe de Deus", BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 155.

²⁹ Possivelmente se trata de uma tradução de GUILLOIS, Ambroise, Explication historique, dogmatique, morale, liturgique et canonique du catéchisme avec la réponse aux objections tirées des sciences contre la religion. Na época essa obra polemica era muito popular entre católicos alinhados com a política anticientífica do Vaticano. Isso sublinharia o contraste entre a postura aberta de Padre Cícero, que dialogou com a ciência na busca de soluções e o bispo que via na ciência uma ameaça da Igreja.

ele enviou do que quer saber sobre os necessitados. É a colisão de dois conceitos diferentes de igreja: Em quanto o bispo está defendendo a instituição, padre Cícero está lutando ao lado da Igreja no sentido de povo de Deus. Barros resume:

Bem diferentes as preocupações de D. Luiz e do Padre Cícero! O primeiro será o restaurador, o reorganizador da Igreja no Ceará; o segundo será o sertanejo solidário a seu povo, o primeiro entre os homens desvalidos, eleito por eles seu protetor, a voz que fala por eles junto a Deus e aos poderosos da Terra. Padre Cícero aceita com ardor e humildade esse papel.³⁰

Dessa postura de Padre Cícero emanou a força transformadora que fez de um pequeno povoado no interior do Ceará, na percepção do povo, uma nova Jerusalém, a terra da mãe de Deus. Por isso, aborda Barros a seca de 77 em seu livro no capítulo sobre “Constituição do Juazeiro”. Na visão da autora, em primeiro lugar e, principalmente, foi a experiência da seca que contribuiu para a formação de Juazeiro. Os *factos* mais tarde também eram fundamentais, mas Juazeiro como *terra santa* já existia antes de 1889.

Depois da seca de 77 a utopia também se concretiza, cada vez mais, em uma cidade real: Muitas famílias que fugiram durante a seca, e não podiam mais voltar às suas terras de origem, chegaram em Juazeiro na esperança de que Padre Cícero ia ajudá-la. Ele ajuda:

o Padre espalhou os retirantes pela Chapada do Araripe, empregou-os nas fazendas dos abastados, iniciou um planejamento econômico que afastasse para sempre a ameaça da fome, incentivando o plantio da mandioca em larga escala e, principalmente, a diversidade de culturas. O Juazeiro tomou um novo impulso.³¹

Assim, as secas e, mais ainda, a postura de Padre Cícero de acolher o povo de forma incondicional, contribuiu, essencialmente, na formação de Juazeiro como espaço espiritual e como cidade material.

Conclusão

Padre Cícero, que nasceu na seca de 1844, morre na seca de 1932-34. Entre nascimento e morte a seca é fio condutor na sua caminhada nesse mundo, e é, provavelmente, o maior adversário na sua luta pelo bem-estar do povo. Sua luta demonstra numa forma impressionante a rica personalidade de Padre Cícero, sua criatividade na busca de soluções e o seu amplo horizonte intelectual. Mesmo sendo padre de uma igreja romanizanda, ele não teve escrúpulos de buscar outros conceitos e tecer alianças, quando viu uma possibilidade de salvar o “pobre povinho” que ele amou tanto. Enquanto os *factos* de Juazeiro causaram impacto principalmente na sua vida sacerdotal, espiritual e pessoal, a seca ameaçou de forma elementar e física o rebanho que ele recebeu para cuidar. Como bom pastor ele lutou contra esse *lobo* até os últimos dias da sua vida.

³⁰ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 156.

³¹ BARROS, L. O. C., Terra da Mãe de Deus, p. 158.

Referências bibliográficas

BARROS, Luitgarde O. C. **Juazeiro do Padre Cícero: A Terra da Mãe de Deus**. 3a edição, Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.

BEZERRA LOBO, James B. Campo de Concentração de Buriti - Currais do Governo. In: ALVES Valdecy (Org.). **Campos de Concentração da Seca de 1932 no Ceará: Múltiplas Visões e Reverberações Contemporâneas**. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2023.

CAMPOS, J. N. B. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos**. Estudos Avançados, 2014.

GUIMARÃES, Terezinha S. DUMOULIN, Anne. **Padre Cícero por ele mesmo**. 2a edição, Fortaleza: Edições INESP, 2015.

MELO, Leda Agnes Simões de. **O Controle do Espaço do Serão: Os Campos de Concentração na Seca de 1932**, Revista História e Cultura, Vol. 9, Nº 1, 2020, 138-167.

Károly Koller

Diploma em Teologia pela Ludwig-Maximilians-Universität Munique,
magister artium em filosofia pela Hochschule für Philosophie Munique

Juazeiro do Norte, Ceará

E-mail: koller@nachtkarst.de

Recebido em: 19/06/2024

Aprovado em: 18/12/2024